



History of Education in Latin America - HistELA

Esta obra está licenciada sob [Creative Commons — Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Frei Mariano de Bagnaiana: apontamentos sobre a biografia de um missionário que habitava a fronteira indígena pantaneira (Brasil, Sec. XIX)ⁱ

Frei Mariano de Bagnaiana: notes on the biography of a missionary who lived on the Pantanal indigenous frontier (Brazil, 19th Century)

Edson Ferreira da Costa

Orcid: [0000-0002-6116-9550](https://orcid.org/0000-0002-6116-9550)

Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, Centro de Ciências de Imperatriz, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Brasil, Email: ferreira.edson@ufma.br

Maria Aparecida Corrêa Custódio

Orcid: [0000-0003-2962-2228](https://orcid.org/0000-0003-2962-2228)

Centro de Ciências de Imperatriz, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Brasil, Email: mac.custodio@ufma.br

Francisco Wilson Leite da Silva

Orcid: [0000-0002-8629-8308](https://orcid.org/0000-0002-8629-8308), Grupo de Estudo e Pesquisa em Epistemologia e Educação, Centro de Ciências de Imperatriz, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Brasil, E-mail: wilsonleiteiz@gmail.com

DOI: 10.21680/2596-0113.2026v9n1ID43918

Citação: Costa, Edson Ferreira da; Sobrenome, Nome Coautor. (2026). Frei Mariano de Bagnaiana: apontamentos sobre a biografia de um missionário que habitava a fronteira indígena pantaneira (Brasil, Sec. XIX). *History of Education in Latin America - HistELA*, 9(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/43918>

Conflito de interesses: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Editora: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Recebido: 13/05/2026

Aprovado: 26/07/2026

OOPEN ACCESS

Resumo

O presente estudo resulta de uma análise de fontes biográficas sobre Mariano de Bagnaia, frade capuchinho italiano que vivenciou a sua vocação missionária no contexto da política de Catequese e Civilização de Indígenas na antiga Província de Mato Grosso. Adota como fundamentação teórico-metodológica, para o trabalho analítico das fontes, o método hermenêutico vivencial, desenvolvido a partir do pensamento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Os resultados apontam que o missionário desempenhou um papel central na articulação entre Igreja, Estado e povos originários. As entrelinhas de sua biografia, relidas a contrapelo, evidenciam os conflitos enfrentados pelos religiosos no exercício da missão e revelam como a vida de Frei Mariano foi construída no diálogo e nas tensões com as instituições e com as comunidades indígenas.

Palavras-chave: Catequese e Civilização. Igreja Católica. II Império.

Abstract

This study results from an analysis of biographical sources on Mariano de Bagnaia, Italian Capuchin Friar who experienced his missionary vocation in the context of the policy of Catechesis and Civilization of Indigenous peoples in the former Province of Mato Grosso. Adopts as theoretical-methodological foundation, for the analytical work of the sources, the experiential hermeneutic method, developed from the thought of the Spanish philosopher José Ortega y Gasset. The results indicate that the missionary played a central role in the articulation between the Church, the State, and indigenous peoples. The underlying lines of his biography, reread against the grain, highlight the conflicts faced by religious people in carrying out the mission and reveal how the life of Friar Mariano was built in dialogue and tensions with institutions and indigenous communities.

Keywords: Catechesis and Civilization. Catholic Church. Second Empire.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo principal o que já foi escrito sobre a biografia do italiano Mariano de Bagnaiaⁱⁱ (1820-1888), da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, no contexto das missões indígenas no Brasil do século XIX, período em que a administração pública do país se encontrava sob o regime Imperial e orientava a política de catequese e civilização dos índios com apoio de missionários católicos.

Este ensaio tem como fonte básica *A história do Frei Mariano de Bagnaia*, escrita por Alfredo de Sganzerlaⁱⁱⁱ (1992), religioso capuchinho. Outros registros também constituíram fontes de estudo, como documentos avulsos religiosos. A proposta é analisar fontes que apresentam aspectos biográficos do Frei Mariano, que são compreendidos sob uma perspectiva filosófico-antropológica de hermenêutica vivencial do filósofo espanhol Ortega y Gasset (1883-1955), que apresenta uma categoria teórica central: a vida enquanto um acontecimento pessoal e intransferível. Do ponto de vista do enfoque antropológico de Ortega y Gasset (2007, 2010), pensar a vida humana na sua dimensão radical implica superar a dimensão ontológica clássica, que a concebe como uma categoria universal, aplicável a qualquer ser que compartilhe suas dimensões, como o próprio acontecimento do viver. Para a antropologia filosófica orteguiana, a vida é um acontecimento pessoal e intransferível.

A partir desse pressuposto, a vida de Frei Mariano retratada em sua biografia será considerada em sua particularidade.

Com essa abordagem, faremos uma descrição analítica a partir de uma dimensão de tempo vital, e não cronológico, com intenção de compreender como são tratados os acontecimentos centrais vivenciados por Frei Mariano de Bagnaia na sua missão indígena do século XIX. Ainda de acordo com a perspectiva filosófico-antropológica de Ortega y Gasset (2007, 2010), pensar a dimensão biográfica direciona-nos a fazer uma questão fundamental: quem é Mariano de Bagnaia^{iv}?

Para analisar o que já foi respondido por Sganzerla (1992), vamos tentar olhar o sujeito particularizado nas suas múltiplas dimensões do vivido, compreendendo que o estudo da biografia de Frei Mariano passa pela observação do que ele faz de si ao longo da sua trajetória de vida. Em outras palavras, significa perceber que um sujeito particularizado encontra-se sempre envolto em dimensões circunstanciais que marcam a sua existência pelas facilidades ou pelas dificuldades que coexistem com os acontecimentos da sua vida.

Como apontado, Frei Mariano está situado no contexto do século XIX de um Brasil que se encontra sob o regime Imperial de Pedro II. À época, havia um interesse do governo em manter o controle sobre os indígenas no território brasileiro, em vista do processo de dominação dos povos originários e da apropriação de suas terras (Carneiro da Cunha, 1992). Para operacionalizar essa política, o Estado brasileiro recorreu aos missionários por meio da mediação da *Propaganda Fide* (organismo do Vaticano), que era a principal responsável pela realização e supervisão das missões em todo o mundo católico. Pela mediação desse organismo eclesiástico, os capuchinhos italianos foram contratados pelo Império para o serviço de catequese e civilização dos indígenas.

O principal objetivo do envio de frades capuchinhos italianos para o Brasil consistia em catequizar e civilizar os indígenas em uma perspectiva eurocentrada. Para o Estado, os indígenas precisavam de domesticação, conforme previa o Regulamento das Missões (Brasil, 1845). Um dos aspectos importantes desse documento é a determinação do envio de missionários, sobretudo para regiões em que havia indígenas que viviam, nos termos do Regulamento, em hordas errantes. A função dos missionários, portanto, era fazer a pregação a fim de persuadir os indígenas sobre as vantagens da integração à sociedade nacional.

O território em que Frei Mariano esteve mais presente foi a região pantaneira do Baixo-Paraguai, na antiga Província do Mato Grosso, hoje estado do Mato Grosso do Sul, mais precisamente, nos aldeamentos de Miranda e Bom Conselho.

Método Hermenêutico Vivencial e procedimento metodológico

A linha teórica que fundamenta a análise dos escritos biográficos sobre Frei Mariano está fundamentada no pensamento orteguiano e em um trabalho da mesma linha: *A dimensão biográfica da vida humana na filosofia raciovitalista de José Ortega y Gasset* (Costa, 2019). Nessa perspectiva, compreende-se que a vida humana é biográfica e, enquanto tal, acontece em primeira pessoa e se compreende no contexto da narrativa^v (Ferreira, 2023). A narrativa pode ser analisada com base em categorias que evidenciam a dimensão histórica do sujeito, a fim de compreender como ele vivenciou determinados acontecimentos e como essas vivências marcaram uma compreensão de si a partir de suas trajetórias.

Parte dessas idéias é utilizada na análise do trabalho do biógrafo Sganzerla (1992), fazendo dessa obra uma fonte narrativa relevante. Assim, algumas categorias nos ajudaram a compreender a dimensão do vivido pelo Frei Mariano no contexto da missão, tendo como categoria central o acontecimento. Em outras palavras, partimos da compreensão antropológica, da concepção de vida humana enquanto biográfica, sendo essa marcada por trajetórias individuais constituídas por acontecimentos que envolvem a relação do sujeito com tudo que constitui a sua individualidade.

A primeira categoria analisada nos escritos biográficos de Frei Mariano é a vocação. Na perspectiva de Ortega y Gasset (2010), a vocação é identificada como sendo uma dimensão fundamental para entender as escolhas autênticas do sujeito frente aos apelos subjetivos.

A categoria vocação se confronta com outra categoria antropológica, que é a dimensão do projeto de existência do missionário. Se existe um apelo subjetivo por alguma definição de si nos processos de escolhas dos indivíduos, há, ao mesmo tempo, um movimento de elaboração do que cada vida humana define como projeto de existência. Essa possibilidade que se impõe ao indivíduo no seu processo de humanização marca outra categoria que iremos nos deparar na análise biográfica do missionário, o drama. O drama consiste na incerteza frente ao que pode nos acontecer – isto porque a trajetória de vida requer sempre em fazer algo, tomar decisões. O drama também é uma das categorias centrais de nossa análise.

A partir da linha teórico-metodológica adotada, a pesquisa consistiu no levantamento de informações de caráter narrativo a partir de escritos biográficos e de outros documentos religiosos avulsos. Mas, como já apontado, definiu-se a obra de Sganzerla (1992) como sendo o principal material para uma compreensão da biografia de Frei Mariano. O referido material, além de trazer a narrativa do biógrafo, é uma fonte vasta de referências a documentos e arquivos nos quais é possível verificar muitas das informações sobre a vida e o contexto nacional e internacional em que viveu o biografado. Em síntese, é uma fonte relevante e seu uso justifica-se porque vemos nela indícios para fazer outra leitura da biografia de Frei Mariano, sem aderir à versão apresentada por Sganzerla (1992).

Categorias Vocação e Projeto: sentir-se chamado para a vida missionária

Abordaremos nessa seção as principais dimensões do perfil biográfico de Mariano de Bagnaia no contexto da missão, destacando aspectos diretamente relacionados às categorias de análises já anunciadas anteriormente.

Pensar os escritos sobre a vida de Frei Mariano a partir da categoria antropológica orteguiana de vocação implica em fazer um exercício de compreender o processo de manifestação e escuta de um apelo interior para um determinado modo de vida dentro de um contexto de possibilidades.

Mesmo que os escritos biográficos não considerem o contexto de época para analisar a vocação de Mariano de Bagnaia, sabemos que o século XIX segue um movimento eclesial de intensificação da vida missionária (Prudhomme, 2009), pois a Igreja católica passa a realizar ações de imersão nos espaços de colonização, com o objetivo de evangelizar os povos que desconheciam a religião cristã. Esse movimento ganha força à medida que a Igreja, por meio da *Propaganda Fide*, recebe financiamento do Estado, como foi o caso dos missionários capuchinhos contratados para atuar junto aos povos indígenas do Brasil.

Nesse contexto, o apelo pela vida missionária é narrado logo no início da formação de Mariano de Bagnaia. Certamente, movido pelo contexto de retomada das missões católicas pela Igreja, ele mesmo, em uma de suas cartas, trazida por Sganzerla (1992), revela que o primeiro pedido para ser missionário foi negado. Depois, ele consegue ingressar no Colégio das Missões, porta de entrada para realizar a formação necessária para o trabalho que estava pretendendo. Esse fato pode explicitar uma busca pessoal, uma escolha pela missão, revelada na insistência em fazer parte do coletivo de missionários que atendiam às demandas do governo imperial nos territórios de colonização.

Ao escolher os capuchinhos como Ordem religiosa para viver a sua vocação clerical, Frei Mariano adere ao movimento de reforma da Ordem franciscana, considerando que a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos é oriunda da Ordem Primeira de Francisco de Assis, mas foi reformada no século XVI. Nessa nova ramificação franciscana, Mariano volta-se para o atendimento às populações mais carentes como parte da sua vocação e do carisma de seu fundador, Francisco de Assis.

A maneira como Frei Mariano vivencia sua vocação é apresentada em sua biografia como um ato heróico típico de um sujeito disposto a assumir as exigências de um determinado carisma, ao mesmo tempo em que escolhe viver as consequências desse projeto de vida que transita entre o pessoal e o institucional. Em sua visão de religioso capuchinho, Sganzerla (1992) compreende e reforça, ao longo da sua obra, a dimensão da obediência à Igreja e ao Império presente na vida de Frei Mariano. No entanto, fazendo uso das categorias orteguianas, podemos afirmar que a primeira “obediência” de um missionário acontece em relação a si mesmo, a escuta de si, visto que passa a viver a partir do que escolhe para si.

É provável que os escritos de Sganzerla (1992) tenham a intenção de fazer a memória de Mariano de Bagnaia como um missionário notável, que acata todas as determinações do Governo Imperial, do Presidente da Província do Mato Grosso e do Bispo local. Porém, a narrativa da ida de Mariano para a região que marca toda a sua vida missionária no Brasil deixa transparecer que nem sempre ele estava disposto a fazer tudo que lhe ordenavam.

Categoria Drama: incertezas e conflitos na vida missionária

A missão indígena e o apostolado junto aos não indígenas acontecem principalmente na região de Miranda e Curumbá, no Baixo-Paraguai, que concentrava várias etnias indígenas. Antes disso, Mariano de Bagnaia havia ficado em Cuiabá^{vi}, atuando como pregador de missões populares de 1847 a 1849.

Em síntese, a atuação missionária de Frei Mariano se dá em três espaços: Aldeamento de Nossa Senhora do Bom Conselho^{vii}, na região de Albuquerque (1849-1859); Vila Miranda (1859-1864); e Campos Novos Paulista (SP), nos últimos anos de sua vida. Entre esses lugares, o Aldeamento de Nossa Senhora do Bom Conselho é descrito como um marco na vida missionária de Frei Mariano, sendo esse lugar interpretado pela biografia capuchinha como a sua prioridade: “assumiu Bom Conselho e esqueceu outras possibilidades da sua vida” (Sganzerla, 1992, p. 285).

Notável é que o território pantaneiro é descrito na biografia de Frei Mariano como um lugar paradisíaco, marcado por uma vegetação exuberante e rios abundantes, onde se destacam o Rio Paraguai e o Rio Pantanal, cenário da presença de muitos grupos indígenas: Guarani, Kinikinau, Guaicuru, Kadiéu, Otis, Guató, Guaná, Terena.

Nessa região, havia também uma população campesina presente nos povoados e em constante conflito com os povos indígenas. Em verdade, o Pantanal passou a ser um cenário de disputa de território, principalmente pelos pecuaristas provenientes de Minas Gerais, que passaram a exterminar os grupos indígenas para invadir suas terras com rebanhos de gado, uma prática similar ao que aconteceu na Província de Goiás (Ravagnani, 1986).

Como ocorreu com outros missionários que atuavam na missão indígena do período, Frei Mariano não se restringiu ao trabalho com os povos originários, mas também se ocupou com o desenvolvimento de povoados, igrejas e outras obras para assistir aos fiéis católicos (Amoroso, 2002). Assim, estando na região pantaneira, ele passou a manter contato com a população formada por pecuaristas mineiros, imigrantes europeus e seus descendentes.

Em relação aos povos indígenas, os escritos biográficos enaltecem a figura de Frei Mariano por sua habilidade de fazer contato até mesmo com os que estavam geograficamente mais distantes. Segundo Sganzerla (1992), a comunicação do missionário deveria ser mediada por técnicas de aproximação que consistiam em chamar o líder indígena e através de intérpretes manifestar o motivo da visita, apresentando-se como um enviado de Deus. Entretanto, ainda conforme Sganzerla (1992), não há registro de pedido de intérpretes pelo missionário, levantando a hipótese de que Frei Mariano se comunicava com os indígenas através da língua nativa. Vale comentar que Frei Mariano tinha formação em Letras, o que provavelmente pode indicar que ele tinha habilidade para o aprendizado de línguas, como português e idiomas nativos.

Na visão de Sganzerla (1992), a presença de Frei Mariano junto aos indígenas do Mato Grosso acontece de forma pacífica e tranquila a partir de um processo de identificação, respeito e colaboração. E o contato dele com os indígenas é marcado por um processo de reeducação, frente à formação religiosa que Mariano trazia do contexto europeu.

Como se verifica, a narrativa de Sganzerla (1992) não deixa margem para se pensar os conflitos interétnicos vivenciados entre o missionário e os povos indígenas. Contudo, é instigante pensarmos que as nações indígenas cultivavam outras formas de lidar com a vida, com normas próprias de convivência e sobrevivência e isso conflitava com a catequese católica. Tanto é que os Terena alimentavam suas crenças espirituais, confiando suas atividades aos espíritos (Sganzerla, 1992). E o missionário, por sua vez, afirmava: “por alguns dias me senti entre eles como alguém abandonado e sem poder fazer nada”, referindo-se ao fato de ter encontrado nudismo, barbaridades e pobreza nas aldeias indígenas (Sganzerla, 1992, p. 285).

No diário de memória de Frei Mariano (Arquivo Provincial, 2010), ele mesmo relata um episódio terrível em termos de relação conflitiva com os grupos indígenas. Ao presenciar um dos rituais dos Terena, que envolvia sacrifícios, ele intervém, chegando a entrar em luta corporal com o xamã para libertar um jovem prestes a ser sacrificado. O relato de Frei Mariano nos remete ao período colonial quando a missão indígena perseguia a meta de civilizar e cristianizar os povos originários apagando suas diferenças e acentuando as semelhanças entre eles e os homens cristãos europeus, tentando fazer uma homogeneização cultural (Baêta Neves, 1978).

Como afirma Ricardo Castro (2020, p. 63), “a primeira violência que afetou de modo dramático e destrutivo o *ethos* indígena foi a colonização”. Os impactos desse evento sobre o modo de viver indígena podem ser vistos como uma “colonialidade” (Maldonado-Torres, 2007), ou seja, uma lógica de violência e racionalidade que se

impõe às culturas indígenas. Trata-se de um padrão de poder de longa data, o que explica a atitude colonialista de um missionário que vive no século XIX.

Ricardo Castro (2020, p. 65) assegura que “a colonialidade não inaugura a violência, mas funda uma nova forma de violência”, a qual ele identifica como “violência hierárquica”. Entre as várias dimensões da violência, elegemos a “violência hierárquica espiritual”, nos termos de Castro (2020), para analisar o conflito de Frei Mariano com a pajelança do povo Terena: refere-se a uma imposição da cristandade sobre as tradições religiosas nativas.

No olhar dos colonizadores, a idolatria, como o diabo, estaria em toda parte: nos sacrifícios humanos, nas práticas antropofágicas, no culto de estátuas, na divinização de rochas ou fenômenos naturais, no canto, na dança, na música... Os missionários eclesiásticos, em geral, em quase tudo viam a idolatria diabólica, pois estavam habituados a conviver no seu universo cultural (Vainfas, 2010, p. 26).

É notável que, conforme se lê na biografia de Frei Mariano, a sua presença em Bom Conselho é marcada pelo enfrentamento aos sacerdotes indígenas, assumindo uma posição contrária ao infanticídio e à orientação do sepultamento dos mortos. Quer dizer: o missionário investiu na luta contra os sacerdotes nativos enquanto esteve em Bom Conselho, o que indica que o povo Terena não alterou o seu modo de viver a religião, seguindo as orientações de seu líder religioso. Na sociedade indígena, o sacerdote nativo tem um papel-chave:

Ele interage através do rito, dos sonhos ou os transe induzidos, servindo como mediador entre os domínios humanos e extra-humanos. O xamã, que é médico e conselheiro, é também líder espiritual e genitor simbólico; simboliza um modo de vida distinto, com conhecimentos e poder de cura. Representa a raiz da espiritualidade indígena e sua força é simbólica. Leva politicamente a comunidade para a autossuficiência, nas atividades econômicas, políticas e sociais. Interfere no “mundo que não se vê”, no “reino invisível” (Castro, 2020, p. 22).

Em Miranda^{viii}, missão assumida em 23 de outubro de 1859, Frei Mariano vai trabalhar na paróquia e na catequese dos indígenas, ficando lá até 1864, ano em que estoura a Guerra do Paraguai. Esse lugar parece ser fundamental em sua vida missionária, período em que ele é apresentado pela biografia como alguém que já estava mais à vontade no cenário da diversidade das nações indígenas. Os conflitos e dramas agora passam a ser de outra natureza.

Nesse período, Frei Mariano começa a enfrentar conflito com os diretores^{ix} leigos do aldeamento, algo que também ocorreu em outras partes do Brasil quando missionários e diretores se desentendiam em relação à gestão dos aldeamentos. As ações das lideranças leigas favoreciam a violência e a exploração dos povos indígenas, motivo pelo qual os missionários mantinham com eles uma relação conflituosa. Sem contar que havia um interesse sistemático dos diretores de controlar os indígenas e inseri-los na sociedade nacional por meio da prestação de serviço em várias frentes de trabalho (Carneiro da Cunha, 1992). Na leitura de Sganzerla (1992, p. 337), “a posição de Fr. Mariano será inversa, ele vai a serviço dos índios, sua atividade gera crescimentos dos índios e não tanto o progresso dos civilizados com a eliminação dos indígenas”.

Em meio ao trabalho em Miranda, ocorre a Guerra do Paraguai, com a prisão de Frei Mariano^x e seu demorado resgate pelo exército brasileiro. Após retornar da guerra, em dezembro de 1869, ele toma posse na Forania^{xi} de Miranda como representante do bispo no Baixo Paraguai e, em 24 de janeiro de 1870, é designado vigário em Corumbá, permanecendo até o ano de 1886.

Ao que indicam as fontes, a vida missionária de Frei Mariano no contexto pós-guerra parece ganhar outra dimensão, de caráter muito mais administrativo e clerical. Ao assumir o apostolado em Corumbá, com a missão de reerguer a Forania, fica evidenciada a sua habilidade para a vida administrativa e a capacidade de lidar com os interesses da representação eclesial e civil. Sua grande missão passa a ser o restabelecimento dos cultos nos núcleos católicos básicos e nos mais distantes, assim como a construção e reconstrução de templos. Esse trabalho é reconhecido pelo governo.

Ao todo, Mariano fica 16 anos em Corumbá. Lá ergue uma Catedral, que se tornou um marco da sua presença na cidade. Como nem tudo são flores, em meio a essa façanha ocorre um episódio dramático na vida do frade. Ainda de acordo com a narrativa de Sganzerla (1992), um dos jornais da cidade, *Gazeta Liberal*, publica notícias difamatórias a mando de um italiano que havia montado um relógio na igreja e passara a cobrar pelo serviço que fora acordado como trabalho voluntário. Existem muitas anedotas sobre esse acontecimento, principalmente ligadas a uma suposta maldição feita ao italiano pelo missionário.

A situação abalou tanto Frei Mariano, a ponto de ele resolver abandonar a cidade^{xii}. A intenção dele era pedir para retornar a Roma. Porém, por ordem dos superiores, permanece no Brasil e é enviado para uma missão no interior de São Paulo, período que Sganzerla (1992, p. 357) considera como início da sua “decadência humana”. Na verdade, Frei Mariano já estava marcado pelas limitações físicas e psíquicas resultantes da idade e dos últimos acontecimentos em Corumbá, especialmente pelas privações e humilhações sofrida ao longo da prisão no Paraguai.

Conforme Verussa (2020), outro cronista capuchinho, o contexto da missão em São Paulo era de conflito intenso, provocado pela perseguição dos colonos paulistas que caçavam indígenas para escravizá-los em suas fazendas. Por essa razão, Frei Mariano fora encarregado de missionar no lugar, chegando a Campos Novos Paulista no dia 7 de maio de 1888, na tentativa de aproximação principalmente dos indígenas Kaingang^{xiii}. A ação foi frustrada pela dispersão dessa população.

Em uma carta escrita no mesmo ano, em 11 de maio, ele relata a situação dos indígenas que se encontravam floresta adentro. No dia 22 de maio, comunica ao Comissário Geral uma série de ataques dos indígenas e a morte de vários regionais. Em 13 de junho, relata os embaraços sofridos para catequizar os indígenas que se encontram cada vez mais distantes (Sganzerla, 1992).

Processos de “ruptura” da vida missionária

Em nossa compreensão, a primeira tentativa de ruptura de Mariano de Bagnaia com a vida missionária aparece no contexto de devastação da região do Pantanal, causada pela seca que atingiu toda a população provocando doenças e mortes no ano de 1857. Sem receber recursos do Governo Imperial para amenizar tal situação de calamidade, Frei Mariano vai ao Rio de Janeiro decidido a voltar para Roma. Mas, em obediência ao Superior Geral, retorna para o Mato Grosso.

A ruptura da sua atuação no campo da missão ocorre de fato durante a já mencionada Guerra do Paraguai, conhecida também como a Guerra da Tríplice Aliança (por integrar o Brasil, Argentina e o Uruguai), quando Frei Mariano é capturado pelos soldados paraguaios, da tropa de Solano Lopez. Além de o levarem como prisioneiro, destroem toda a cidade de Miranda. Segundo os dados biográficos de Sganzerla (1992), ao longo do caminho para o cativeiro, o missionário encontra um cenário de destruição de muitos povoados que ele ajudou a construir. Bom Conselho e Miranda,

por exemplo, ficaram completamente destruídas. Na leitura de Sganzerla (1992), de 1864 a 1869, tempo de prisão do religioso, instaura-se um vazio no lugar que só é revertido após a libertação dele pelo exército brasileiro, em agosto de 1869.

Para biógrafos capuchinhos como Fidélis de Primério, questionado por Sganzerla (1992), esse período de cativo impactou profundamente a personalidade pós-guerra de Frei Mariano. Os problemas de saúde aparecem em consequência da guerra. Contudo, para Sganzerla (1992), a guerra não chegou a comprometer sua prática missionária, mas sim sua saúde psíquica nos últimos anos da sua vida, quando passa a sofrer perturbações mentais, baixa memória, hipocondria e feridas na região dos pés. Aquela imagem de saúde vigorosa que se manteve ao longo de seu trabalho no Mato Grosso apresenta-se então marcada pelas limitações físicas e emocionais.

Como já dissemos, Sganzerla (1992) resume as tomadas de decisões de Frei Mariano como sendo reflexo de uma obediência ao compromisso que assumiu enquanto religioso, através da obediência aos seus superiores. Todavia, para nós, extrapola-se o campo da obediência, que soa ao sacrifício, para uma possível leitura interpretativa da marca biográfica de Mariano. Certamente, a sua capacidade de agregar pessoas e de mover ações em busca de seus objetivos parecem se manifestar nas funções assumidas e na condução das foranias, cidades e aldeamentos que ficaram sob sua responsabilidade, mesmo em meio a muitos conflitos, sobretudo, com as lideranças religiosas dos povos originários.

Conclusões: a desobediência cristã

Como vimos, ao final da vida, Frei Mariano enfrenta problemas de saúde física e psíquica, segundo relatam alguns frades que conviveram com ele, principalmente em São Paulo (Verussa, 2020). Com a saúde debilitada e sofrendo uma série de perturbações mentais, incluindo alterações de personalidade, ele decide cometer suicídio em São Pedro do Turvo (SP), no dia 20 de julho de 1888. O que acontece é uma tentativa de suicídio, ao golpear-se na carótida. Em consequência dos ferimentos, Frei Mariano morre em Campos Novos Paulista, em 9 de agosto de 1888. Alguns intérpretes associam a atitude dele a um acesso de loucura, fato noticiado no *Correio Paulista* (Sganzerla, 1992).

A forma de sua morte marca a sua vida e o coloca como uma figura frágil, diante das circunstâncias nas quais ele se encontrava. Do ponto de vista filosófico-antropológico orteguiano, podemos dizer que o fato carece, entretanto, de ser escamoteado, por revelar a capacidade humana de decidir sobre o seu próprio corpo, assumindo a escolha até as últimas consequências. Trata-se de um acontecimento, descolado de qualquer patologia, fundamental para compreendermos a relação do Frei Mariano com a sua vocação missionária.

Como apontamos, o contexto de São Paulo foi bastante hostil para o exercício da sua missão, principalmente com os povos indígenas, principais sujeitos que marcaram a sua atribuição de “missionário indigenista”. Essa expressão é uma forma de analisar que a vida dele, no campo da missão, se mostra principalmente na relação com os indígenas, na capacidade de aproximação e comunicação e também nos conflitos silenciados por sua biografia. Mas, ao final da vida, as limitações do próprio corpo e de sua saúde mental o inviabilizam a agir com a mesma altivez e energia que agiu durante sua estadia no Mato Grosso. Segundo relato de um leigo,

Em 1888 [...] foi para Campos Novos. Embora doente deliberou obedecer às ordens superiores. Seguiu para a nova zona sequioso como estava em conhecer os índios e estabelecer um contato imediato com eles. Mas as condições de saúde tornaram-se

apreensivas. Tinha acessos terríveis de loucura. À noite parecia ouvir brados misteriosos, vozes terríveis, lamentos e rugidos: eco longínquo das torturas suportadas com resignação na *bolgia* infernal do Paraguai. Um belo dia foi a São Pedro de Turvo e, um momento de forte desespero, suicidou-se cortado com uma navalha a carótida. Levado imediatamente para Campos Novos, ali faleceu assistido pelo vigário da paróquia Pe. Paulo de Mayo Giovannetti (Sganzerla, 1992, p. 355).

Como se observa, é em São Paulo que se revela o momento de maior fragilidade de Frei Mariano no campo da missão. Além da dimensão física, a sua capacidade de lidar com a população indígena se mostra extremamente precária, por não conseguir se comunicar com os indígenas que habitavam o território em que esteve. Além disso, ele encontra um ambiente hostil, de conflito e violência contra os indígenas.

Na narrativa do frei capuchinho Sabino Rimini (Arquivo Provincial, 2011)^{xiv}, há relatos de italianos que costumavam hospedar o missionário na vila de São Pedro de Turvo e que revelam a mudança na sua personalidade no momento próximo ao episódio do suicídio. Dizem eles:

o missionário Pe. Mariano de vez em quando passava por esta vila hospedava-se sempre naquela nossa casa e vinha tomar refeições conosco. Na última vez, porém, não era mais o mesmo, expansivo, comunicativo, mas se apresentava melancólico e triste. (Sganzerla, 1922, p. 335).

Para biógrafos e para a própria Igreja, tal acontecimento fere uma trajetória marcada pela obediência e compromisso com os valores cristãos. No entanto, tal acontecimento pode revelar uma pessoa consciente da sua capacidade de decidir sobre o destino da sua própria vida?

Um dos seus melhores amigos da Ordem, Frei Timóteo, resume o momento como sendo de desonra: “um homem de tantas virtudes tão elogiadas pelos povos, tão famoso na história do Brasil, tão decorado sempre, morre, e morre da pior morte que pode desolar a memória de um homem” (Sganzerla, 1992, p.354). Tal acontecimento – a decisão sobre o fim da própria vida – na visão cristã e capuchinha, parece contradizer a vida de um missionário. Nesse pensamento, não caberia ao indivíduo definir o fechamento do ciclo da sua própria existência; mas, contraditoriamente, ele deveria ser obediente e suportar todas as limitações e imposições. Diríamos ser uma entrega às circunstâncias que, no enredo dessa história, parece pesar para além do suportável: no encontro da consciência com o limite do suportável, mesmo se isso pudesse ter como indício a loucura como comprometimento da vontade livre. Em todo caso, tal acontecimento é visto como um “ato de fraqueza humana”, como assim resume Frei Timóteo (Sganzerla, 1992).

Em síntese, considerando os dados biográficos é provável que o acontecimento do suicídio tenha frustrado as expectativas religiosas de reconhecimento da santidade de Mariano de Bagnaia, projetado para ser um missionário exemplar na obra de Sganzerla (1992). O trágico não está no ato, mas no desdobramento desse acontecimento diante do modelo de vida ideal de um frade capuchinho.

Finalmente, reiteramos que a vida de Frei Mariano tem sido conteúdo de estudos de biógrafos e pesquisadores do campo religioso e fora dele. Para a antropóloga Marta Amoroso (2002), Frei Mariano é uma figura controvertida, uma vítima de surtos psicóticos que o levaram a cometer suicídio, embora ele tenha feito um balanço positivo de seu trabalho junto aos indígenas. Evidentemente, esse ponto de vista não está expresso na biografia de Sganzerla (1992), que apresenta Frei Mariano como uma figura consciente da sua missão e adaptável ao contexto dos indígenas, das populações dos povoados e das autoridades civis e eclesiásticas. Esses aspectos da

personalidade e do contexto de Frei Mariano não esgotam as possibilidades de novas leituras e compreensões.

Finalmente, podemos reler as biografias missionárias desconfiando da missão indígena como um empreendimento de sucesso, considerando que os povos indígenas se apropriaram dela do seu jeito e, por essa razão, a modificaram.

Assim, se de um lado os índios acolhem a missão religiosa, instituição que em alguns casos se confunde com a própria história das relações dos índios com o Estado brasileiro, de outro, o movimento de incorporação das novas relações e com elas, da nova mensagem resulta invariavelmente em uma adaptação tão profunda e particular desta aos moldes locais que só pode ser compreendida no contexto do estatuto cultural que a produziu, o das cosmologias e sociopolíticas indígenas. (Amoroso, 2002, p. 12).

Referências

Amoroso, M. R. (1998). Mudança de hábito: Catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 13(37), 101–114. <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/6kDcyHkgsRjqH3SLVkJbFWK/?lang=pt>

Amoroso, M. R. (2002). Entre os selvagens do Brasil: Ensaio e memórias dos frades capuchinhos sobre os aldeamentos indígenas do Império (1844–1889). In *Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais* (pp. 1–16). ANPOCS.

Arquivo Provincial. (2010). *Fr. Mariano de Bagnaia*. Convento do Carmo. [uc](#)

Arquivo Provincial. (2011). *Os capuchinhos nos rios Araguaia e Tocantins* (R. de Milão, Org. & Trad.). Convento do Carmo.

Baêta Neves, L. F. (1978). *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios*. Forense-Universitária.

Brasil. (1845, 24 de julho). *Decreto n. 426, de 24 de julho de 1845: Contém o regulamento acerca da missões de catechese, e civilização dos indios*. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824/decreto-426-24-julho-1845-560529-publicacaooriginal-83578-pe.html>

Carneiro da Cunha, M. (1992). Política indigenista no século XIX. In M. Carneiro da Cunha (Org.), *História dos índios no Brasil* (2. ed., pp. 133–154). Companhia das Letras.

Castro, R. (2020). Masculinidades e violência no contexto cultural-religioso da Amazônia. In *Amazônia: Novos caminhos nas relações entre homem e mulher* (pp. 17–80). Paulinas.

Catequese Católica. (n.d.). *História da Igreja*. <https://catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>

Costa, E. F. da. (2019). *A dimensão biográfica da vida humana na filosofia raciovitalista de José Ortega y Gasset* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará].

Ferreira, E. (2023). Narrativa biográfica como método hermenêutico vivencial en el pensamiento filosófico de Ortega y Gasset. *Revista de Estudios Orteguianos*, (46), 121–210. <https://publicaciones.ortegaygasset.edu/reo/article/view/76/149>

Maldonado-Torres, N. (2007). On the coloniality of being. *Cultural Studies*, 21(2), 240–270. <https://www.decolonialtranslation.com/english/maldonado-on-the-coloniality-of-being.pdf>

Meliá, J. C. C. (2009). *La hermenéutica narrativa de Ortega y Gasset*. Editorial Comares.

Oliveira, C. M. (n.d.). *Fr. Alfredo Sganzerla, OFM Cap*. Rede Internacional de Estudos Franciscanos no Brasil. <https://riefbr.net.br/pt-br/content/fr-alfredo-sganzerla-ofmcap>

Ortega y Gasset, J. (2007). *Obras completas* (Vol. VII). Taurus.

Ortega y Gasset, J. (2010). *Obras completas* (Vol. V). Taurus.

Prudhomme, C. (2009). A ação missionária nos séculos XIX e XX. In A. Corbin (Org.), *História do cristianismo para compreender melhor nosso tempo* (pp. 435–439). Martins Fontes.

Ravagnani, O. M. (1986). A agropecuária e os aldeamentos indígenas goianos. *Perspectivas*, (9/10), 119–143. https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aravagnani-1986-agropecuaria/ravagnani_1986_agropecuaria.pdf

Sganzerla, F. (1992). *A história do Frei Mariano de Bagnaia: O missionário do pantanal*. FUCMT.

Vainfas, R. (2010). *A heresia dos índios*. Companhia das Letras.

Verussa, O. (2020). *Memória histórica da Província dos Capuchinhos de São Paulo*. Procasp.

Contribuições de Autores

Edson Ferreira da Costa: Conceituação; Metodologia; Redação e versão inicial.

Maria Aparecida Corrêa Custódio: Administração do projeto; Redação e Revisão da versão final.

Francisco Wilson Leite da Silva: Redação e diagramação.

Uso de Inteligência Artificial (IA)

Os autores declaram que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial na elaboração deste manuscrito.

Notas

ⁱO presente trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão ao qual agradecemos. Adicionalmente, este artigo foi elaborado com o suporte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001.

ⁱⁱFrei Mariano nasceu em Bagnaia, na Província de Viterbo, Itália, em 19 de janeiro de 1820. Fez sua profissão religiosa solene em 14 de março de 1839, no Convento de Pieti. Aos 11 de março de 1846, foi ordenado padre na cidade de Bagnorea. Em 19 de abril de 1846, ingressou no Colégio das Missões, em Roma. Em 17 de outubro de 1846, partiu de Roma para Gênova e daí, em 29 de dezembro de 1846, seguiu para o Brasil. Chegou ao Rio de Janeiro em 4 de março de 1847. Logo foi designado para a missão no Mato Grosso, indo em 28 de maio do mesmo ano para São Paulo em vista de se preparar para a viagem. Ficou hospedado por dois meses no Convento dos Carmelitas. Partiu em viagem e, depois de quase cinco meses, chegou a Cuiabá, exatamente no dia 30 de novembro de 1847 (SGANZERLA, 1992).

ⁱⁱⁱFrei Alfredo de Sganzerla nasceu no dia 2 de janeiro de 1938 em Sananduva (RS). Ingressou no Seminário capuchinho de Vila Flores (RS) no dia 19 de janeiro de 1949 e fez a Profissão Temporária no dia 25 de janeiro de 1957, também em Flores da Cunha. A Profissão Perpétua foi no dia 25 de janeiro de 1960 em Ijuí (RS). A Ordenação Diaconal no dia 03 de setembro de 1965 e a Ordenação Presbiteral no dia 18 de dezembro de 1965, ambas em Porto Alegre. Em 1974 foi transferido para a Província capuchinha do Brasil Central. Trabalhou em Campo Grande (MS), onde certamente se interessou pelo estudo da vida de Frei Mariano. É descrito como um frade estudioso. Faleceu em 2019, em Campo Grande, aos 81 anos. Está sepultado no Cemitério Parque das Primaveras dessa cidade (OLIVEIRA, 2025).

^{iv}Ortega faz uma inversão na pergunta, passando de um interesse ontológico para uma indagação particularizada. Não interessa saber “o que é, mas quem é” (ORTEGA Y GASSET, 2010, v. V, p. 109).

^vMeliá (2009), em seu livro *La hermenéutica narrativa de Ortega y Gasset*, apresenta a narrativa enquanto método. No entanto, a leitura de Costa (2019) sobre o pensamento orteguiano define a sua hermenêutica de vivencial ao partir diretamente da compreensão biográfica da vida humana. A narrativa aparece como um recurso metodológico do sujeito no seu acesso ao mundo do vivido, envolto na dialética entre o subjetivo e o mundo em que vivencia as suas experiências.

^{vi}Frei Mariano chegou ao Mato Grosso acompanhado de seu amigo, Frei Antonio de Molinetto, que foi para Miranda e dois anos depois retornou para Cuiabá. Em Diamantino, a chegada de Frei Mariano foi vista com desconfiança pelas autoridades locais, que logo solicitaram ao Presidente da Província a sua remoção, alegando perigo para a paz social da cidade. Ele aceitou a transferência para Cuiabá. Depois do conflito amenizado, retornou para Diamantino. De acordo com Sganzerla (1992, p. 346), “em suas cartas deixa transparecer o sofrimento em relação a esses acontecimentos causados pelas injustiças”.

^{vii}Em Bom Conselho, Frei Mariano convive com os Guaná, Quinquinao e Terena. Não há registro de que ele tenha vivido entre eles, mas convívio mediante um sistema de visita pastoral. Com os Guaná, viveu Frei José Maria de Macerata, considerado um dos maiores conhecedores desse povo.

^{viii}Em Miranda, Frei Mariano começa a organização do Baixo-Paraguai, cuja Freguesia (Paróquia) fora criada pela lei provincial de 26 de agosto de 1835. É nomeado vigário da Vara do Baixo-Paraguai e, por ser Missionário Apostólico da *Propaganda Fide*, cabe a ele a organização do serviço de catequese indígena, que abrangia atividades de ordem social e religiosa.

^{ix}Cargo nomeado pelo Imperador e instituído pelo Decreto 426 de 24 de julho de 1845, que regulamentava as missões de catequese e civilização dos indígenas, atribuindo a essa figura o poder de gerenciar os aldeamentos e manter o Imperador informado das condições de funcionamento desses territórios.

^xCapturado em Miranda em 1865, Frei Mariano foi conduzido para o Presídio de Niasi, em Assunção. Lá, foi submetido a torturas como o consumo de drogas; ficou em ambiente inóspito com a presença de cobras; e acompanhou a decapitação de companheiros, como Frei Ângelo de Caramanico.

^{xi}Forania é um grupo determinado de paróquias, próximas territorialmente, que compõem um Vicariato. Cada Forania é confiada a um vigário forâneo (título dado pelo bispo a um padre escolhido para presidir a Forania). Essa organização favorece o trabalho pastoral mediante uma ação em comum (CATEQUESE CATÓLICA, 2026).

^{xii}Em seu diário, Frei Mariano escreve o ocorrido como sendo uma “negra ingratidão”, pois relata com decepção a atitude do italiano que ele considerou como falso amigo (SGANZERLA, 1992, p. 335).

^{xiii}Os Kaingang são conhecidos também como Coroados pelo corte de cabelo que mantinham. Habitavam na região de uma imensa zona para além da serra de Agudos e da cidade de Bauru, no centro-oeste do estado de São Paulo (VERUSSA, 2020).

^{xiv}Em 1889, Frei Sabino Rimini (ARQUIVO PROVINCIAL, 2011) fora encarregado de sindicar o fato da morte de Frei Mariano. Sganzerla (1992) não concorda com a sua narrativa, por conceber que falta o caráter científico, principalmente no trato com os relatos da morte do frade.